

Em tempos desertos

Mariana Reginato*

Dirigido por Bernard Lessa, filme brasileiro O deserto de Akin chega aos cinemas. Na trama, Akin, médico cubano que estava no programa Mais Médicos, precisa decidir se volta para Cuba ou se estabelece no Brasil após o fim da ligação entre Brasil e Cuba com a eleição de Jair Bolsonaro. Protagonizado pelo cubano Reynier Morales, o longa conta com a atriz Ana

DIVULGAÇÃO



Reynier Morales e Ana Flávia Cavalcanti em O deserto de Akin

Flávia Cavalcanti, Guga Patriota e Patrícia Galletto compondo o elenco. Ao Correio, Bernard Lessa compartilha as

inspirações para a produção e a importância de retratar a história política brasileira no cinema.

TRÊS PERGUNTAS PARA // BERNARD LESSA

Quando surgiu a inspiração para o longa?

Comecei a trabalhar nesse filme foi durante a pandemia. Eu lembro de ir acompanhando as notícias e uma me chamou a atenção. Todo mundo que podia fugia desse epicentro de uma pandemia e uma brigada cubana indo ao encontro dela. Então, eu comecei a pesquisar sobre isso. Acho que tinha a ver também um pouco com essa sensação de impossibilidade de ação que a gente tinha enquanto artista nesse momento da pandemia, do governo Bolsonaro, a gente estava se vendo

num deserto literal, sem capacidade de criar de verdade.

O governo Bolsonaro tem começado a ser retratado no cinema. Qual a importância de retratar essa etapa da política?

Eu acredito que o meu cinema flerta muito com documentário. Então, nesse jogo, eu acredito que é muito importante esse documento. A gente tem um país que esquece muito e eu acho que o legado dos médicos cubanos para medicina brasileira é de cuidado, de carinho, são lembrados com muita bem-querença pelos lugares

que a gente passou. É um documento poético, íntimo.

Qual a expectativa com a chegada do filme aos cinemas?

Estamos muito felizes de estreitar o filme comercialmente. É um filme realizado com um orçamento superbaixo no Espírito Santo e cada etapa é uma felicidade enorme, porque a gente sabe o suor. A gente sabe que é o cinema brasileiro, ele carece de mais incentivo para levar as pessoas para sala de cinema. Acho que a ideia que a gente tem é que o filme possa chegar nos cantinhos onde esses médicos chegaram.

Crítica // A morte de um unicórnio ★★



Rudd e Ortega: completamente perdidos

Excêntrica bobagem

Ricardo Daehn

Filme de estreia de Alex Scharfman, também roteirista, A morte de um unicórnio começa explorando atmosfera obscura, para, aos poucos, apresentar-se como franco desastre. Muitas vezes associados ao poder de cura, os unicórnios, aqui, sim, existem, e ocasionam uma produção incrivelmente recheada de defeitos nada especiais. Tamanho é o amadorismo que parece algo extraído, no sumo, de obras de Inteligência Artificial. O excesso de violência também traz gigante prejuízos à obra.

A indústria das farmácias e de seus potenciais lucros puxam parte da trama em que Ridley (Jenna Ortega) e o pai dela, Elliot (Paul Rudd), vagam numa pista ao encontro do império de Odell (Richard E. Grant, em mais uma composição excêntrica), Belinda (Téa Leoni), esposa dele, e Shepard (Will Poulter), filho de ambos bilionários. O longa começa intrigante, com a entrada de nada fofos unicórnios, mas, à medida em que as situações fogem ao controle dos personagens, a trama perde todo eixo de sentido. Interpretações desprovidas de comicidade testam, a todo o momento, a paciência do espectador.

FESTA DO

22

CINESYSTEM

NOS SEUS 22 ANOS,
A CINESYSTEM ESTÁ
EM FESTA!

Consulte o regulamento completo no site.

CINESYSTEM CAIXA **CLUBE da Pipoca** **50% DE DESCONTO***

PAR DE INGRESSOS
QUINTA DO BEIJO
R\$ 22

COMBO GRANDE
R\$ 22

SESSÕES DAS 22H
R\$ 10

22 PONTOS EXTRAS
CLUBE DA PIPOCA